



TAXA PAGA  
PORTUGAL  
CONTRATO: 536425

PUBLICAÇÕES  
PERIÓDICAS  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE00602013CE



# Gaiato

Quinzenário • 9 de Fevereiro de 2013 • Ano LXIX • N.º 1798 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## SETÚBAL

Padre Acílio



## D. Virgínia

**P**ASSOU despercebido para O GAIATO, o primeiro centenário do nascimento da D. Virgínia, nome, por que sempre foi conhecida, amada e admirada entre nós. Mais precisamente a 12 de Julho do ano passado, fez 100 anos, que nasceu em Melres, junto ao Douro, e próximo de Paço de Sousa, esta colaboradora gigante.

A sua vocação cristã, sempre vivida intensamente, espalhou-se primeiro como professora e, depois, foi mais longe. Ouvia o convite do Mestre e, entendeu: «Se alguém quiser ser Meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me».

Rejeitar a carreira, o carinho e a glória que nela poderia granjear, foi o primeiro passo, para cumprir a vontade do Mestre. Tomar a sua cruz, sem medo das próprias limitações e fraquezas, a segunda resolução. A terceira consistiu em seguir Jesus, na pobreza, na confiança, com coragem, na alegria e na doação total, como mulher! A convite de Pai Américo, entregou a sua maternidade aos rapazes sem mãe! E com que intensidade e beleza?!... Quantos encontraram nela, o conforto natural que a sociedade e a vida lhes haviam negado! Quantos?!

Conheci a sua acção no Calvário com os doentes e, mais tarde, em Benguela, com os gaiatos. Em tudo irradiava nobreza, eficácia e ternura! Era mãe!

Uma mulher escondida que nunca fez votos à vista de ninguém, mas os venceu no coração com profundidade inapagável, naquele segredo sagrado, que só Deus conhece. E viveu, viveu, viveu! Viveu a Fé Cristã!...

A sociedade civil da sua terra homenageou-a e, pelo Presidente da Junta de Freguesia, foi dada esta magnífica razão: «Por um percurso de vida absolutamente notável e digno de perpetuação (...) Em face do excelso trajecto pessoal, social e humanitário (...) Uma melrense de valor excepcional e de referência que urge perpetuar para as gerações futuras em face dos ensinamentos e valores fecundos que nos legou!»

Muito me alegraria se esta apreciação real à vida da D. Virgínia, tivesse nascido da sua paróquia ou da sua igreja. Pode até ser de um cristão que é Presidente da Junta, mas se fosse a própria comunidade cristã a exaltar esta vida e a apontá-la como caminho de eleição para outras vidas agora jovens, estaríamos numa situação mais comprometida e, por isso, também mais adequada à fé cristã.

Uma senhora que dá a sua vida à Casa do Gaiato, trilha o caminho mais nobre e mais arriscado que uma cristã poderá projectar para si. Muito mais que uma mulher que se recolhe num convento ou se resguarda numa congregação. Digo isto sem menosprezar tantas mulheres consagradas.

Continua na página 3

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

**A**fluência em grande número de pessoas carentes de ajuda, excessiva para as nossas capacidades de responder bem, o que exigiria conhecer os pobres nas suas circunstâncias, no seu meio e local de vida, põe-nos em contacto com o seu sofrimento resultante de muitas e variadas situações.

Quando não temos a possibilidade de as visitar, recorremos de um comprovativo da parte de quem as conheça, normalmente do seu Pároco, para que possamos dar a ajuda solicitada com verdade e na proporção conveniente.

Fica-nos sempre um sabor amargo quando não as vamos conhecer na sua terra, o que equivale a estabelecermos uma relação simplesmente assistencial, de que não gostamos, mas quando podemos ir, a proximidade empenha-nos e abre-nos a uma maior disponibilidade para com elas.

No que se refere ao apoio às famílias pobres com filhos, a nossa acção está hoje muito limitada, senão vedada, pela ordem legal, no que diz respeito ao seu acolhimento quando a família e a situação o aconselhe. Se muitas vezes as famílias não o peçam, embora necessitassem, porque estão à espera de uma ajuda estatal que tarda em aparecer, acabam por ver ser-lhes retirados os filhos, levantando-se então outro mundo de problemas.

Há dias tivemos uma mulher que veio pedir-nos ajuda para os filhos do seu companheiro, com quem vive, pois iria ter a visita de um técnico para verificar se as crianças tinham de comer. Era alimentação que nos vinha pedir para elas, não já pela primeira

vez, sendo ela também mãe de duas outras crianças, entregues, por sua vez, à guarda dos avós.

Outra família que vínhamos ajudando, de quem num interregno de tempo perdemos o rasto, pois se haviam metido noutra tipo de problemas, soubemos agora que ficaram sem os filhos, ainda pequenos, ficando envolvidos em sentimentos de perda e desalento.

Os tempos não estão fáceis para as famílias. A sua desagregação está bem patente, e os perigos para a integridade dos pais e dos seus filhos está posta constantemente em causa. Os muitos casos que se têm verificado, em que mais vezes a mãe mas também o pai, põem termo à sua vida e também à dos filhos, mostram uma sociedade desorientada, conduzida por instituições desreguladas. Quando há vontades e anseios contrariados ao extremo, a ponto de lhes tirarem o sentido da vida, para mais com a frequência que se tem verificado, isso mostra-nos como a família instituição não tem sido defendida nem respeitada, e que obrigatoriamente estes males se estenderão a toda a sociedade.

Só há uma lei capaz de congregar e de ajudar a vencer todos os obstáculos. Uma lei em que não cabem interesses particulares nem corporativos. Uma lei que está inscrita no coração de cada homem e de cada mulher. A essa lei, do amor, todas as outras leis se deviam submeter. Mas as vaidadezinhas e os pequenos e grandes interesses não o permitem. Então que fazer? Amar, amar cada um na sua pequenina esfera de acção, caminho que já Pai Américo apontara e que se mantém como o único capaz de melhorar a vida. □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

**O**h!, meu Deus e meu Pai! Nunca como agora tenho saboreado a verdade dos nomes que recebes de quem te ama. É o grito que brota do coração agradecido, como água duma rocha, alicerce da confiança vivida nesta terra, nos últimos tempos que para mim parecem os primeiros. Assumir a responsabilidade de fazer emergir para um mundo novo tantos rapazes, cujo futuro depende desta Casa, desprovida de créditos financeiros, o que até aos bancos assusta, nem garantias materiais que a outros faz invejar, é verdadeiramente uma loucura. Se a gente começa a desfiar o que é verdadeiramente a nossa vida no seu dia a dia ou no seu conjunto, até a nós próprios parece loucura.

Sim confiamos só n'Aquele que ensinou: «Olhai os pássaros do céu, olhai os lírios do campo. Nem Salomão no seu esplendor se vestiu como algum deles». Na realidade, estes filhos de Moçambique — para uns o Eldorado, mas para muitos mais um peso que até por poucas moedas se trocam — só em nós encontram amparo e ao abrir os olhos para o mundo onde nasceram, agarram-se a nós como única esperança de uma vida digna

para que foram trazidos ao mundo. Nesta passagem pelos médicos a que só é possível acesso por amizade ou doença crónica, tem sido remédio também a mão estendida de antigos Gaiatos e de Amigos, para as minhas, deixando notas de euros, com um olhar de amizade e ternura por não poderem dar mais.

Cada vez parece mais que este mundo caminha em dois sentidos opostos. Num, os que se alardeiam em sabedores económicos, desinteressados do olhar justo de Deus e no outro, os esmagados pelo peso dos anos ou do trabalho, a quem só sobram gemidos de escravidão que Deus não deixa de ouvir. Mas os extremos tocam-se. Já não sei de quem aprendi isto e o mundo, tal como está há-de esbarrar-se com Deus e os que Ele misericordiosamente protege. No entanto, terá de haver muitos destroços. Sentimo-nos, verdadeiramente, no meio de um naufrágio a dar a mão aos sobreviventes. De um lado os nossos Rapazes, que sem culpa chegaram a este mundo à deriva. Do outro, aqueles que nos compreendem e estendem para nós a sua mão, para se salvarem, ajudando a salvar os outros. Ou como dizia Pai

Américo: «Uma mão à porta do teu coração e outra na do moribundo, que jaz no seu catre».

Lembro-me de, há muitos anos, ter visto um filme em que um milionário, a pé, passava todos os dias à porta de uma igreja e dava boa esmola a uma mendiga, para que ela fosse rezar em vez dele, que não tinha tempo. Se o fazia não me lembro. Mas, sim, que veio a descobrir que ela era uma prostituta. Estava portanto do mesmo lado da dignidade fingida que ele tanto prezava como conceituado esmolero e probo homem social. Só Deus mesmo conhece os homens e há-de levar-nos a todos ao caminho da verdade e da justiça.

Ontem acompanhei os Gaiatos de Setúbal ao Oceanário, em Lisboa, com o Padre Acílio. Ficaria uma eternidade a gozar a harmonia dos movimentos, a beleza das cores, aqueles seres tão diferentes, alguns com fama de vorazes, a nadarem juntos, sem se tocarem sequer, só porque cada um encontra no meio ambiente o seu alimento bastante. Como a natureza é bela e nos leva ao Criador. Dá vontade de dizer: — se fôssemos como os peixes, o mundo viveria na sua pureza original. □

# Pelas CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**CONTAS DE 2012** — É nosso dever trazer ao conhecimento dos caríssimos Leitores as nossas contas de 2012. Do lado das receitas foi assim: um total de 9347,97€, dos quais 6925,68€ recebidos dos nossos Leitores e 2422,29€ resultantes de peditórios, subscritores e colectas várias. Quanto a despesas, o total foi de 11764,65€, o que dá um saldo negativo de 2416,68€ coberto por saldos positivos doutras épocas, não das mais recentes porque nos últimos anos os saldos têm sido sempre negativos. Nas despesas as rubricas principais foram o auxílio domiciliário (5624€) e o auxílio na doença (4005,25€), seguidas do apoio ao projecto da Casa Ozanam (4005,25€) e da contribuição devida ao Conselho Central (467,40€).

Fica, assim, claro que, tal como desde há muitos anos, o apoio dos nossos caríssimos Leitores tem sido fundamental para sustentar o que fazemos no apoio material às famílias que acompanhamos. Que Deus nos ilumine para o distribuírmos com justiça e que nos perdoe quando erramos.

Para os nossos leitores, que Deus retribua como muito bem mereceis. □

## LAR DO PORTO

Olga e Valdemar

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — São passadas as Festas do Natal e da chegada do ano 2013. Agradecemos a Deus e aos nossos bons Amigos, que vieram em nosso auxílio, pois foi com a vossa ajuda que nós pudemos ir em socorro daqueles que dela mais precisam.

Para que os nossos leitores possam avaliar o quanto é necessária essa ajuda, vamos contar o que se passou com a senhora que está acamada e que não se levanta para nada.

Nas vésperas do Natal fomos visitá-la, para lhe levar o que foi possível, para sua alimentação. Chegamos a sua casa, a senhora, como quase sempre, estava só. Eram onze e tal da manhã. Depois de a cumprimentar, perguntamos-lhe se já tinha tomado o pequeno almoço e a medicação, que ela tem de tomar todos os dias. Não senhor, foi a sua resposta. Então, como das coisas que levávamos, fazia parte iogurtes, foi ao que de repente botamos a mão e que ela comeu e agradeceu. Entretanto, chegou uma das senhoras que dizem estar a olhar por ela, a quem foi perguntado como é que se deixa estar uma doente, e diabética, sem comer até aquela hora da manhã.

Alguém escreveu: «*Há um único problema, um único para o mundo: voltar a dar aos homens um significado espiritual, inquietação espiritual... Não se pode viver de frigoríficos, de política, de orçamentos. Já não se pode viver, sem poesia, sem calor humano, nem amor*».

Como se pode verificar, é precisamente isto que está a acontecer no nosso tempo. Falamos de política, orçamentos, débitos, etc., mas onde está o calor humano? Onde está o amor ao próximo? Então não foi isso que Jesus Cristo veio trazer ao mundo? Então não foi esse calor humano, que fez com que Pai Américo fundasse as nossas Casas do Gaiato, o Calvário, o Património do Pobres? Não foi esse calor humano que fez que ele andasse por aqueles tugúrios do Barredo, e outros, a estender a sua mão àqueles que nem da enxerga se podiam levantar?

Fala-se muito, também, em orçamentos. Não há dinheiro para medicamentos, para assistência médica, etc.. No entanto, quantos milhões se gastaram, ou seja, queimaram, com os fogos de artifício na passagem de ano? Quanto bem se fazia com metade daquilo que se gastou nessa noite? Não existe o testemunho, mas os homens que testemunham tudo isto — e andamos «à procura da verdade no fundo do poço».

O útil, é aquilo que te resiste. Pois, é isso mesmo que acontece com a nossa Conferência. Apesar das suas faltas de meios, apesar das suas dificuldades em conseguir novos Confrades, ela resiste a todos estes problemas. E porquê? Porque é útil. Útil a quem? Ao pobre, ao doente, ao marginalizado.

Quantos desabafos, nós recebemos quando alguns dos nossos Amigos nos enviam alguns donativos — muitas vezes só Deus sabe com que sacrifício!... Temos em mente um nosso Amigo, que nos enviou mil euros, mas com o pedido de não dizer o seu nome.

«*Um gesto de um homem é uma fonte eterna*». Então não foi o gesto de Pai Américo que, quando tinha uma vida cheia de bem viver à sua frente, deixou tudo para viver da mendicidade?

Mas para os homens, ele ainda não é santo. Que será preciso fazer mais? Não bastam as suas Obras, que estão à vista de todos e que, apesar das contradições que têm recebido e dos ataques de que têm sido alvo, continuam firmes nos seus padres, que tanto sofrem, mas que, apesar de tudo, aguentam?!

É preciso vivermos, não daquilo que recebemos, mas, sim, daquilo que damos. Pois é isso que nos engrandece. Isto é o que nos ensina Pai Américo.

Os nossos agradecimentos a todos os nossos Amigos, com os votos de um Bom Ano 2013. Que Pai Américo peça por todos nós ao Nosso Bom Deus. □

## MOÇAMBIQUE

Félix Luís

O ano lectivo iniciou, temos muito trabalho que fazer, desde cuidar da nossa Casa até a adaptação dos mais novos. Estamos prontos para mais um desafio pois este ano a situação parece ser mais complicada, até ao momento ainda não temos o material escolar, mas o mais importante é sabermos aproveitar bem o que temos.

A Cooperação Portuguesa aprovou o projecto de reabilitação da Casa Mãe (Edifício Principal). Foi com muita alegria que recebemos a notícia. A nossa cozinha com as instalações do gás, energia e a infiltração das águas, já constitui um grande risco. Vamos passar uma temporada com a cozinha, dispensa, refeitório, copa e tudo que funciona no bloco principal em sítios improvisados.

Domingo a nossa Missa foi celebrada pelo Rev.mo Arcebispo Dom Chimoio, numa atitude de fé e compromisso com Deus e com os mais pobres e abandonados. Almoçou connosco e tivemos a oportunidade de partilhar o nosso dia-a-dia numa breve apresentação do funcionamento da nossa Casa. Sentimos que Deus nos ama muito e precisamos corresponder a este amor.

Estes dias temos acompanhado com muita tristeza o sofrimento das famílias do Chókwè e Xai-Xai. Há 13 anos vivemos a mesma situação e até hoje quase nada foi feito para que esta triste situação pudesse ser evitada. O mano Geraldo já estava com tudo preparado para o início do ano lectivo na Universidade Politécnica do Chókwè, ficou com tudo estragado, a grande sorte é que ele estava connosco, e com o coração agradecido disse-nos: “eu nasci hoje”.

A ponte de Boane desde o ano passado está em péssimas condições deixando um saldo negativo para todas as nossas viaturas. Na semana passada fomos surpreendidos com um curto-circuito em uma das nossas viaturas, depois de ter passado pelo drift antigo, foi com muita sorte que não ardeu completamente. Com destino a Maputo temos opção de entrar pelo drift em péssimas condições ou percorrermos mais 20Km. □

## PAÇO DE SOUSA

**LIMPEZAS** — Quando o Inverno é rigoroso, os temporais afectam as árvores da nossa Aldeia. Os ramos partem-se e então, um grupo de rapazes com o auxílio do tractor e de um reboque, ocupam-se a apanhá-los, fazendo a limpeza das ruas. A nossa Aldeia quando está limpa, é magnífica.

Aos sábados de manhã o chefe de cada casa leva um grupo às suas respectivas casas para fazer a limpeza às mesmas: Camaratas, casa-de-banho, sala de estar/estudo e corredores. A limpeza é importante para haver higiene e conforto.

**BIBLIOTECA** — O nosso rapaz, Dimas, neste momento está a organizar a nossa biblioteca. Coloca os livros nas estantes e faz o ficheiro dos mesmos no computador para facilitar a pesquisa dos livros e quem os requisita. É um trabalho que ainda vai demorar bastante tempo.

**VINHA** — A nossa vinha da mata, está a ficar envelhecida. Para a renovar foram plantados mais de trezentos pés de videiras novas. Um grupo de homens que trabalham nas adegas, vieram prestar-nos este trabalho. Esta nossa vinha dá-nos uvas de muito boa qualidade, de que fazemos vinho para a nosso consumo, vendendo o restante às adegas vinícolas.

Bruno Alexandre

**DESPORTO** — Começámos o ano de 2013, com o pé esquerdo, já que o direito, não foi ágil a marcar golos para deixar o adversário pelo caminho...

Recebemos a luxuosa equipa de Juniores do Sport Comércio e Salgueiros e, não fomos capazes de lhes travar a série de vitórias que eles têm tido.

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**PARTILHA** — Vários Amigos e Amigas nos vão ajudando, em especial no tempo de Natal. Em bens essenciais, recebemos partilhas provenientes de: Abiúil, Agualva-Cacém, Alqueidão, Anadia, Assafarge, Avelar, Baguim do Monte, Cabeço de Moiro, Cacia, Casais do Campo, Ceira, Cerejeiras, Coimbra, Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha, Espite, Fermentelos, Figueiró (Amarante), Figueiró-dos-Vinhos, Franciscas, Galizes, Janeiro de Baixo, Lagoa Parada, Leiria, Lisboa, Lourçal, Lousã, Miranda do Corvo, Moinhos, Paços de Ferreira, Paleão,

Pampilhosa, Penacova, Póvoa de Varzim, Pereira do Campo, Rio de Vide, Roxo, Santa Maria da Feira, Seia, Semide, S. João da Madeira, Santiago da Guarda, Tarehos, Telões, Venda da Luísa, Vila do Conde, Vila Nova, Vila Seca. A todos, o nosso muito obrigado e votos de saúde e paz!

**AGROPECUÁRIA** — Com um temporal, alguns ramos de árvores em frente às oficinas partiram por cima de fios eléctricos. As chuvadas fortes aumentaram o caudal da nossa bica. Foram arranjados os jardins do largo e

chuva e vento foi o que se viu. Mesmo assim, deitámos pés ao caminho e fomos até terras bem mais altas e ventosas do que na nossa zona.

Quando lá chegámos, já tínhamos toda a gente à nossa espera. Saímos de Casa atrasados 30 minutos o que é muito para quem tem que cumprir... Chegaram a pensar que já não aparecíamos.

Em relação ao jogo, fizemos uma primeira parte desastrosa, alguns dos nossos Rapazes, mais pareciam do chamados «meninos da mamã» do que Gaiatos habituados... Ao intervalo, viemos para as cabines a perder por 2-0. Ninguém queria acreditar. Enquanto uns trabalharam forte e feio durante 90 minutos, outros, fizeram 45 de entretém... de... se me tocas eu desmancho-me. Enfim! Para se defender o emblema do nosso Grupo Desportivo, é preciso humildade e vontade de trabalhar!

Fomos para a segunda metade, já com algumas substituições. Foram 45 minutos de alta competição. Todos queriam ganhar, todos se entregaram ao jogo, todos defenderam o nosso emblema de Alma e Coração. Toda a gente que assistia ao jogo, estava admirada como com apenas a saída... o jogo foi outro.

Erickson, voltou a brilhar como defesa central e, o nosso guarda-redes, fez algumas defesas que pareciam impossíveis. Voltámos a mexer na equipa e o resultado foi este. Vila Boa de Quires 4 - Casa do Gaiato 6. Os golos foram obtidos por intermédio de Nelson (2), Hugo Pina (2), Joaquina (1) e Ricardo Sérgio (1). Há jogadores na nossa equipa que estão a subir de rendimento que é uma coisa impressionante, enquanto outros se deixam levar pelo comodismo e... não te rales; porque: «eu não vou ser jogador!» Mentalidades!

Alberto («Resende»)

## MAS AS CRIANÇAS SENHOR!...

Padre João

**ESTAMOS** num tempo que não nos deixa espaço para digerir as notícias, racionalmente. Tudo acontece tão rapidamente. Algumas, deixam-nos emocionalmente desconcertados... Este Domingo, chuvoso, a denunciar um Inverno já demasiado longo e pesado; duas dessas notícias, quais flechas dardajantes.

A primeira, o acidente da Sertã no IC 8, em plena manhã, envolvendo um numeroso grupo de pessoas próximas, a caminho de Santa Maria da Feira para visitar um presépio “monumental” que ali se ergue e faz acorrer muitos visitantes. Era gente do Alto Alentejo, principalmente da cidade de Portalegre, naturalmente religiosa, de uma região que se está tornando “presépio desvitalizado” pelo crescente assombro da desertificação humana.

Iam em alegre convívio humano,

nota feliz e remanescente do Natal que há pouco foi e que pode ser todos os dias do ano.

Foram colhidos pela adversidade do tempo e do asfalto; pela morte que é certa na hora incerta.

Acontecimento trágico, diante do qual sucumbem as palavras. Os caminhos de Deus são imperscrutáveis. Tantas famílias colhidas pela dor de um regresso que nunca mais será. Tornam-se, agora, desafio à solidariedade humana e ao conforto da Caridade cristã de grupos humanos e Comunidades.

A segunda notícia, a morte de duas crianças: dois irmãos encontrados mortos dentro de um carro em Oeiras. Eram, o Ruben de 12 anos e o David de 13. Que pena...! Tão envelhecida está a nossa sociedade que qualquer criança que desaparece, para além de tudo mais, é uma perda irreparável.

Não podemos deixar de o lamen-

do canteiro da nossa Capela. O nosso couval vai fornecendo para o tacho da sopa. Os citrinos e os kiwis deram bons frutos. Continuou-se com as podas das fruteiras e dos vimes. Na pocilga, o casal de porquinhos está com bom aspecto.

**ARRANJOS** — O salão da ex-tipografia desta Casa está a ser arrumado para a prática do desporto. Instalámos camas de enfermaria num quarto. No nosso Lar de Coimbra foram instalados cilindros para aquecimento da água. □

tar num *mea culpa* colectivo e gritar com Augusto Gil, bem alto ou em surdina com as palavras repassadas de humaníssima inquietação do seu poema *Balada da Neve*: «*Mas as crianças, Senhor, / porque lhes dais tanta dor?!... / Porque padecem assim?!...*»

Creio até que o nosso Padre Américo, se no Céu assim se pudesse sentir, viria por aí “abaixo”, ou quem sabe, por aí “acima”, cheio de “santa” indignação, com a sua capa para envolver, de novo, estes seres frágeis indefesos e padecentes...

Haveria, sim, de rasgar tanta legislação que não passa de letra morta. Sim, destruiria muitos ficheiros de inutilidades, «pois aqueles mesmos que ali têm os seus nomes, vivem no mundo sem nomes, ignorados».

Voltaria a dizer: “não compreendo”. Nem ele nem nós! □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Fomes

É pertinente descortinar que tantos sofrimentos no mundo, como a subnutrição, são causados pela ausência de Deus, o seu esquecimento e até afrontamento.

Quando não se conseguem impedir desastres ecológicos e interferir directamente em medidas macroeconómicas, é possível participar numa acção social directa, de proximidade, chegando às pessoas que urge alimentar, sem receio de aumento demográfico. O anúncio da Palavra passa pela justiça na partilha do pão. Há o perigo de instrumentalizar a questão e as bocas esperarem abertas como os passarinhos caídos dos ninhos, à mercê dos vendavais.

A estas fomes não podemos passar ao lado. O desejo de procurar o rosto de Deus está inscrito em cada ser humano. Quando as sociedades pretendem negligenciar esta ânsia, resvalam para as injustiças e o absurdo.

Há gente que, embora possa andar distraída, não está alheia a esta questão vital. Aproximava-se um grande temporal, quando da Beira Alta chegou uma centena de adolescentes, estudantes, para um encontro em assembleia, que se verificou disputado, nas ideias. Dois deles desferiram-nos raios de descrença, sem indiferença, sobre a presença de Deus feito Homem. Quem não duvidar, não consegue caminhar. Assim foi: — *Jesus é mesmo Deus? Onde encontramos o Seu rosto?* Se nunca ninguém O viu, é verdade que Se manifesta em Jesus, que passa fazendo o bem; e também podemos descobrir o Seu rosto nos mais frágeis, amando o próximo. *Deus charitas est — Deus é Amor!*

Ele quer o bem de todos, de toda a criatura humana, pela qual está prenhe de comoção. Em dias de tempestade, fomos lançados para a lama de um bairro nos arredores da Capital, que não tem boa fama, pois esta passa tão depressa. Uma seta incandescente atirou-nos, com

emoção e compaixão, para a frente de combate: — *Estamos com fome e sem mantas. O putro está com gripe...*

A Caridade longe de ser uma ideia, é a mentalidade sempre nova, que só se entende verdadeiramente dando a vida, às vezes até ao sangue como o pelicano, pelas dores dos outros. Não nos conformamos com este mundo, quando encorajamos os que desfalecem no desânimo e em caminhos difíceis e tortuosos. Um discurso não toca verdadeiramente o coração, mas sim a nossa aproximação.

Ficaram povoações às escuras, com gente voltando ao antigamente. Contudo, há sítios mais escuros, desabrigados, em que penam irmãos nossos. A lição do Samaritano é uma resposta certa na descrença e idolatria.

Enquanto de um lado dos arcos do aqueduto, havia corrupção urbana, no outro, entre ociosos e sequiosos de justiça, procurámos aquele antro de miséria com os nossos olhos míopes. Na deslocação, à distância, o andrajo de um pai deixou-nos na dúvida; logo desfeita pelo seu rosto amargurado e triste. Fomos conduzidos por

entre soluços: — *Venham ver onde moro...* Conhecemos outro abrigo, de onde teve de sair, sem meios para a renda de casa, pois o desemprego lançou-os na rua.

Não vimos, naquela ruela íngreme, aqueles animais pacíficos, como a vaca e o jumentinho, do desabrigado curral da Judeia. Ao testemunharmos a verdade dos lamentos de pobres aflitos, não pode haver tréguas. O cubículo é um remedeio, de panelas vazias e leite sem linho. Deste desalinho ficou-nos outro espinho: — *A criança dorme no chão...* Se do estrume da terra vem pão, também da escuridão irrompe a Luz! Não é tradição, mas

uma traição, correr atrás de canas de foguetes, enquanto há irmãos que passam fome.

Uma mentalidade desconstrutiva da família e economias selvagens, que atravessam o Ocidente, conduzem à decadência. Não podemos *envergonhar aqueles que nada têm*, advertiu S. Paulo os Coríntios. O Rabi da Galileia saciou as fomes de multidões. No caminho da Cruz, sentou-Se à mesa com os amigos e lavou-lhes os pés! □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Janeiro, 41.900 exemplares

## PENSAMENTO

Pai Américo

Daí vem que o Mestre, àqueles a quem chama, convidar a subir muito alto. Primeiramente cortar laços de sangue — pais, irmãos, família — o sacrifício do coração. Depois, campos, casas, interesses — o desprendimento total dos bens do mundo. Finalmente, suportar críticas, ciladas, ingratidões, falsos amigos — a compreensão do amor à Cruz. Destas fontes de renúncia promana a paternidade do Sacerdote, o segredo divino e real da sua missão na terra.

in Pão dos Pobres, 2.º Vol.

## VINDE VER!

Padre Quim

## Santo António dos Pequenininos

LÁ onde os rapazes avistam o mar, ouvem contar estórias, sobem à montanha, acarretam a lenha para o fogo do conselho, apreciam a fúria das ondas que, ao chegarem, destroem os seus castelos e sonhos feitos na areia da praia, tomam banho ao sol e, neste ao mar mergulham de contentes, se abre uma nova oportunidade para ver, a partir da janela do pequeno mundo das crianças, os sinais da beleza que a vida nesta tenra idade comunica, e a esperança confiante na construção dum futuro digno num próximo amanhã, que hoje nos preocupa ao desatá-lo das amarras com que se reveste. Cada rapaz é digno deste esforço de o construir no seio da Obra.

Foi na habitual casa de praia, da Baía de Santo António, que os nossos mais pequeninos «Batatinhas», acompanhados dos seus chefes e do olhar maternal e carinhoso da mãe desta Casa, estiveram a passar os primeiros dias deste novo ano, cheios de sol pela manhã e de brisa marítima ao anoitecer. Depois foi a vez dos pequenos da casa 1 de cima. O momento serviu, também, para elevar e estimular o valor que deve ter a vida

comunitária, a ajuda mútua, a solidariedade e a partilha entre os irmãos.

O mar é lindo, apesar dos perigos que encerra dentro de si, tal como a vida é bela, apesar das suas muitíssimas vicissitudes, fragilidades e misérias. Ver o mar, para o pequenino vindo das ruas poeirentas e agressivas das cidades e guetos de becos assustadores, constitui um verdadeiro regalo que o eleva para uma realidade diferente daquela que estava habituado, quando era residente das hospedarias do mal onde o abandono nas ruas o aterrorizava. É a beleza da natureza como factor importante dentro do processo educativo da criança que Pai Américo tanto privilegiava, basta observarmos para o ambiente natural que as Aldeias das Casas do Gaiato apresentam. Vários grupos de apostolado que por cá passam aos fins-de-semana, uns acampados e outros de visita, atestam as suas vantagens para o crescimento saudável e educativo.

Ao vê-los regressar da casa de praia de Santo António, para além da alegria no rosto por terem voltado à Casa de Família, pareciam trazer as atitudes comportamentais mais refi-

nadas e mais adequadas à convivência comunitária. O mar, neste caso, como um elemento da natureza, pode ser considerado terapêutico, para manter o equilíbrio psicossomático. O José Afonso, que tem tido ataques constantes de epilepsia, esteve tão bem que me causou, mesmo, admiração de chorar de contente, ele e outros. No meio duma turma de bons «artistas», adolescentes tendenciosos às desordens e protagonistas das mesmas, nasceu um verdadeiro ambiente de festa e harmonia familiar. Ver o mar dias sucessivos, pode ser um factor de cura. Não se trata de consulta psicológica nem de orientação espiritual, mas de experiências vivas. À tardinha, na oração do Terço, junto ao mar, enquanto alguns dormitam, não falta uma Avé Maria pelos pescadores. Vida dura para ganhar o pão para as suas famílias. Os rapazes viram como é, pois também estiveram no barco com eles e tiveram compaixão. Partilharam a merenda com eles e felizes regressaram da pesca naquele dia. Quando o Joni feriu um dedo no anzol, que ficou preso nele, foi um pescador que me veio chamar, depois de o ter levado ao centro médico. Senti, logo, a mão de Deus a tocar sobre o manto de pecado da humanidade para curar as suas feridas. Diante de homens rudes, a remar para o sítio da pesca, encontram-se duas realidades: a inocência do rapaz de anzol preso numa cana esperando que a garoupa viesse presa ao picar, e o trabalho árduo para ganhar o pão-de-cada-dia.

Jesus chamou os que andavam a atirar as redes ao mar, para fazer deles *pescadores de homens*. Sempre que o Mestre chama, também muda os objectivos da nossa vida e da nossa missão. Embora seja dura a tarefa do pescador, não é menos dura a do *pescador de homens*. Talvez, ao tomar consciência desta grande missão, gostássemos mais lançar as redes ao mar do que ser *pescadores de homens*.

## A garoupa é do «Pernoca», de quem é o choco?

O nosso «Pernoca» revelou-se num grande pescador, até os mestres do barco ficaram impressionados com o talento do rapaz. Eram garoupas e mais garoupas! A pesca foi abundante. Outros só conseguiram peixe miúdo. «Para o ano serão maiores», dizia um deles, para consolar o resto da malta ainda inexperiente nestas andanças. O jantar foi alterado, será pescado, depois do almoço das cinco da tarde, quando regressaram da pesca. Hoje será mais saboroso, pois é fruto do trabalho imediato dos rapazes. O choco foi oferecido ao Senhor Padre Manuel, que o levou para Casa, onde estão os irmãos mais velhos. Para eles também será saboroso, pois é do nosso trabalho. □

## SETÚBAL

Padre Acílio

Continuação da página 1

Nunca, a ninguém que confiou no Senhor, faltou o necessário à vida e a consolação na morte. Uma senhora que se entrega à Obra da Rua é como um nadador que se lança ao mar, confiado nas próprias forças e... nas que Deus lhe dará... na expectativa Abraâmica de fazer uma grande família, dos filhos de outras mães incapazes!

Numa Casa do Gaiato, a senhora é a mulher forte da Escritura, sempre devorada por todas as necessidades dos Rapazes e da Casa. A comida, a roupa, a limpeza, a higiene, a saúde e... tantas vezes até o estudo, o trabalho e o comportamento dos Rapazes; o acolhimento aos Pobres, a distribuição das roupas, das mobílias e do pão, povoam a sua cabeça e o seu coração. A ela todos se arrimam. Desde o padre, às pessoas que vêm regularmente prestar ajuda à Casa do Gaiato.

A senhora é o centro da vida! Ela está sempre, de manhã à noite. Raramente sai. Agarrada num compromisso vital à sua cruz, nunca a larga! Não escreve, não aparece, não dá nas vistas. Vive íntima e fortemente ligada à vida oculta do Senhor! Ele é a sua luz, a sua força, o seu refúgio, e a sua consolação.

A vida de Jesus e a sua, casam-se numa doação plena, pobre e secreta. Só os filhos, quando maduros, às vezes, descobrem esta grandeza pequenina, através da ternura com que lhes retribuem.

Os grandes da Igreja ignoram. Poucos descobriram este caminho de consagração real e santidade encoberta e por essa razão nunca a apontaram a ninguém! Quando querem falar dos grandes ideais femininos, vão longe buscá-los e a sua perspectiva estreita-se sempre nas vocações religiosas, em congregações, ordens e institutos.

É prática normal do Espírito, ao

longo de toda a história da fé, escolher os mais pequeninos para lhes revelar o tesouro do Reino.

Gostaria sim, que a D. Virgínia fosse exaltada na sua paróquia, e na sua igreja. Não foi. A celebração, a memória e a imortalidade desta figura santa, brotou de uma instituição laica, embora talvez, de gente cristã.

Num manual de Educação Moral e Religiosa, a folhear-se nas nossas escolas, encontrei como exemplo de fé vivida heroicamente, Madre Teresa de Calcutá e Raul Follerau, e eu pergunto se não haveria em Portugal ninguém mais próximo para indicar à juventude como ideal, senão santos estrangeiros? Será porque «Ao longe tudo o que luz é oiro»? Ou porque «os próximos nos comprometem mais?»

D. Virgínia Martins das Neves, os homens da sua terra homenagearam-na a título póstumo, mas Jesus, a quem serviu, sentou-A

eternamente à sua mesa. Interceda por nós e por todas as mulheres que servem a Obra.

## Filme

O filme sobre a vida desta Casa, continua a sair mas... devagarinho.

O meu colega, pároco da cidade do conhecimento, diz-me assim, por e-mail: «Recebi hoje o vídeo da Casa do Gaiato de Setúbal. Já o vi. Admirei a simplicidade, a verdade e a beleza da vossa Casa, dos vossos Rapazes, do vosso mundo. Apreciei a lição de pedagogia, bem encarnada na doutrina e agir do Padre Américo. Dá imenso gosto ver os Rapazes a cuidar das suas ocupações, ver os chefes a assumir as suas responsabilidades, os «Batatinhas» a fazer os seus pequenos deveres! Maravilha que muitos precisariam de conhecer.

*Vou divulgar para que outros conheçam também».*

Engenheiro que foi nosso vizinho enquanto criança e jovem, escreve-me, agora, que já é avô: «Muito agradecemos o DVD que nos enviou e que vimos com toda a atenção e agrado. É um trabalho de autenticidade que mostra a realidade “sem filtro” (permite-me dizê-lo porque conheço, conheci, essa realidade), sem encenações ou preparações para ficar “bem na fotografia”, dando a conhecer o dia-a-dia de um projecto de “formação” de homens, transmitindo-lhes o valor e a dignidade do trabalho, cultivando o princípio do respeito pelo próximo e preparando-os para a vida de adultos em comunidade».

As encomendas devem ser encaminhadas para a seguinte direcção: Casa do Gaiato de Setúbal 2910-281 Setúbal. E-mail: cgsetubal@sapo.pt. Tel.: 265501227. □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A quinzena do Património dos Pobres foi dominada pela situação daquela cancerosa que, há meses, ajudei no pagamento, ao Banco, da prestação da sua casinha!

Quando os dois trabalham, comprar uma casa, para criarem família, é um sonho doirado de acordo com a natureza do homem e do bem social.

Mas a vida tem os seus imprevistos! Ela adoeceu, tornou-se incapaz de trabalhar. A fábrica do marido fechou e o salário sumiu-se! Com dois filhos, uma situação destas transforma-se em constante tormento. Não basta a doença bem grave, é a instabilidade psicológica de insegurança no dia de amanhã.

Ela voltou com o marido. Vinha tão magrinha e tão debilitada, que metia um dó imenso. Eu não estava, mas o relato das Senhoras que a receberam, transmitiu-me a mesma dor! As Senhoras aviaram-lhe o melhor que puderam e, dois dias depois, fui visitá-la.

Telefonei. Receberam-me o marido e os filhos. Ela estava de cama. Mal falava. Animei-a o que

pude. Paguei-lhe mais duas prestações e levei-lhe dois tubos de loção que uma leitora sofrida me havia enviado, para ela esfregar as doridas articulações.

O marido confortava-a: «*Deixa lá, agora podes dormir, temos a nossa casa em dia*». Meu Deus, o que é o sofrimento humano e o desamparo social?!...

No Domingo, partilhámos o almoço com a família. Eram bifos de vaca, criados em nossa Casa. Os rapazes sabem das minhas amarguras. Telefonei: «*Venham cá buscar a carne, que já foi temperada*». O Zezinho aprimorou-se nos condimentos e a senhora arranhou também uma dúzia de ovos das nossas galinhas, de sabor incomparável aos que vêm dos aviários industriais.

Assim temos feito, e continuaremos todos os fins-de-semana. É que, se a gente não acudir, ninguém socorre e o alimento é fundamental para aguentar a quimioterapia e manter acesa a esperança naquela família. O marido já arranhou trabalho, até Setembro. Uma boa ajuda para levantar o nível de optimismo indispensável à recuperação.

Muitos pedidos, mandei-os para os Párcos. Eles é que estão no terreno e devem visitar as famílias.

A nossa pastoral assenta naquele principio iluminado do Pai Américo: «*Cada freguesia cuide dos seus pobres*».

Nem todos os responsáveis pensam e actuam deste modo. Preferem voltar ao Antigo Testamento, com as suas brilhantes liturgias e catequeses, desligando-se e isentando as suas comunidades do compromisso cristão com os pobres, deixando-as viver em águas mornas de bem instalados, afundando cada vez mais o esplendor da Igreja. Sabemos que há paróquias pobres e as igrejas são frequentadas por gente de poucos recursos, mas... se o sacerdote presidente for pobre e repartir, ele próprio com os pobres, as ajudas virão de todo o lado. O Património dos Pobres estará sempre ao lado e por detrás, desta pastoral do Vaticano II.

De longe, o pedido veio por telefone, implorando ajuda a um casal abandonado de pessoas inválidas: «*Olhe que lhe chove em casa e o telhado está a cair*». Como posso eu percorrer o país para acudir a todos? Como?

Pedi que fossem ter com o Pároco,

ele que me informasse e assumisse uma parcela do problema. Nós ajudaremos.

Uma rapariga de 23 anos, com uma filha de 6 e outra de 2, juntou-se com um homem mais velho que ela 10 anos e com quem gerou a última criança, vivendo na casa da mãe dele. Começou a bater-lhe e a agredi-la continuamente. Agora deu-lhe seis dias para sair de casa. O pai e a mãe dela, diz que a desprezaram e, não querem, nem vê-la!

Eu não sei se será assim, mas deduzo que possa ser verdade, pois ela somente concluiu a quarta-classe, gerou uma filha na adolescência e quando atingiu alguma maturidade física e sentiu desam-

paro, juntou-se com este homem que a terá aceite apenas ligado pelo instinto natural, sem sombra de amor.

É realmente uma pobre! E as suas filhas?

«*Se eu lhe alugava uma casinha?*». Já pensou em pôr termo à vida, as filhas é que a seguraram. «*Que será delas?*».

Eu fico perdido. Nunca vira a rapariga. Só agora, e pela forma como se exprime, me parece ser real e verdadeira a sua situação. Mas se fosse o Pároco ou alguém da comunidade que se inteirasse e, todos juntos, darmos a mão a esta ovelha tresmalhada?

Será isto Evangelho? Ou o Evangelho é teoria?! □

## BENGUELA

Padre Manuel António

# Alegres na Esperança, pacientes na tribulação!

QUEREMOS assumir este princípio para a nossa vida na Casa do Gaiato. Quanto mais firme for o alicerce, mais segurança tem o edifício. Assim acontece na vida de cada um de nós. A Esperança é a rocha sobre a qual devem assentar as nossas vidas. Doutrou modo, podemos ter muitas coisas, mas sentimo-nos perdidos. Vamos, pois, viver como irmãos, no meio das nossas actividades. Antes de subir as escadas para vos escrever estas Notas, um homem aflito bate à porta do nosso coração. Está a dormir no chão, sem uma cubata para o abrigar. No meio desta tribulação, mantemos a esperança alegre de o ajudar. Um dos nossos rapazes mais velhos assumiu o encargo de ir comprar os blocos para levantar as paredes. A nossa Casa do Gaiato de Benguela está a passar um momento de grande aflição. Queremos, contudo, viver como irmãos no meio das nossas actividades. Daí, vamos dar a mão a este homem. A comunidade social é à semelhança dum corpo. Todos os membros sejam postos no mesmo plano e gozem da mesma dignidade. Se, por acaso, se quiserem fazer distinções, mostre-se um respeito ainda maior pelos mais fracos, os mais necessitados, os mais pobres. Estamos diante do Ideal, autêntico foco de luz a iluminar o nosso caminho. Quem dera assim seja! Por isso, no meio de tantas resistências, dentro e fora de nós, vivamos alegres na Esperança, pacientes na tribulação.

Como muitas vezes tenho partilhado convosco, a falta de emprego para os rapazes mais velhos não permite a sua saída para a natural e legítima autonomia. Do mesmo modo, outros filhos da rua, abandonados, não podem nascer na sua nova Casa de família, a Casa do Gaiato. Há dias, a alegria na Esperança floresceu. Uma empresa, cujo Director cresceu numa casa semelhante à nossa Casa do Gaiato, aceitou dez processos doutros tantos rapazes, para uma tentativa de colocação no emprego. Foi uma hora de alegria. Alguns dos rapazes já estão a viver fora da nossa Casa, mas desempregados. Nestas circunstâncias, a primeira porta a que batem é a da Casa que os criou. Por isso, as nossas aflições aumentam, na medida em que os de fora juntam-se aos de dentro. É a nossa vida! Necessitamos sempre de esperança e paciência. É o remédio que deve ser tomado pelos pais e educadores.

A abundância de crianças necessitadas da entrada na Casa do Gaiato cresce cada vez mais. Estão em muitas zonas de Angola. Com a proximidade do início do ano lectivo, a pressão aumenta. Quem nos dera poder dar a mão e o coração a todas. Quem dera que as nossas mãos e as mãos destes filhos queridos encontrem o vosso coração nas vossas mãos estendidas, com toda a ajuda que possais dar. Vivemos 100% do vosso apoio. Há dias, recebemos a visita do Director duma empresa nova, instalada na cidade do Lobito. Conversamos sobre a natureza e, por conseguinte, sobre o objectivo da Casa do Gaiato de Benguela. Antes de mais, quer ser a Casa de família dos filhos sem família. Quer ajudá-los a ser cidadãos normais; a ser homens, pesos vivos na sociedade. Ao despedir-se sentiuse, também, responsável por esta missão. Esperamos a sua ajuda. Quando nos perguntou donde vinham os meios materiais para a subsistência da Casa do Gaiato, a resposta foi pronta: Do povo de Portugal, sobretudo. Sentiu-se mais comprometido, assim esperamos, porque também é português. Quem dera as empresas, instaladas em Angola, se sentissem mais solidárias! A cultura da solidariedade devia constituir uma pedra basilar da sua vivência. Não teriam nada a perder. Pelo contrário, tornar-se-iam empreendimentos com solidez mais forte. Existem para o bem da sociedade, fomentando o seu progresso. O verdadeiro progresso social, porém, está no desenvolvimento de todo o povo. As camadas mais débeis, mais pobres, mais abandonadas, devem merecer um carinho especial. Quem dera tal desiderato venha a acontecer!

Vamos procurar viver, unidos a todos vós, alegres na Esperança, pacientes na tribulação. Um beijo muito querido dos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela. □

## MALANJE

Padre Rafael

O marido deixou-a e foi morar com a sua mãe. Dedicou-se a vender nas ruas e mal ganha para poder levar um pouco de comida para casa. Tem uma doença terminal e o marido deixou-a com duas crianças, uma de peito e a outra de quatro anos. Ele era agricultor, a esposa faleceu, há dois anos, e deixou-o com sete filhos e não consegue encontrar uma companheira que o ajude a levantar toda a família para a frente. Ela, desde que faleceu a sua mãe, ficou com o encargo de criar três irmãos, o companheiro não aceita criar os três, e ela já se encontrava grávida. Ele mora na rua e diz que é mudo, mas parece que foi um tio que o colocou ali para vender.

Cada Rapaz que entra, traz um passado, uma história... A entrar, recebe uma novo nome: Gaiato. A partir desse momento, tem uma nova família, às vezes a sua única família. Encontra um prato de comida, cama, roupa... um

lugar. Encontra companheiros, amigos, colegas e, o mais importante, irmãos. Já não interessa o passado, que ficou para trás, mas, sim, o futuro que está por construir. Muitos deles desejam ser alguém na vida, para poder ajudar aquela parte da família que deixaram.

Piolo, Barrigas, Refogado, Caluanda, Caró... São os cinco primeiros Rapazes que entraram este ano de 2013. O mais pequeno, Barrigas, não tem mais de três anos; depois, Piolo, com quatro. Em menos de 24 horas adaptaram-se totalmente à vida da Aldeia. Sinais evidentes de que encontraram um jardim onde podem crescer. Cinco compromissos para a Obra: «Fazer deles homens». Saber que o Dono da Vinha está muito perto de nós, dá-nos forças para nos aventurarmos nesta apaixonante tarefa.

Já saiu o Edital-geral com a distribuição das responsabilidades. Este ano, dois empenhos: crescer na organização e fortalecer o espí-

rito de família. Todos começaram o novo ano com muitos sonhos e vontade de trabalhar. Namix está assumindo o seu papel de chefe com grande integridade e atitude de diálogo. Um chefe que se destaca pela sua vontade de trabalhar.

Este ano começámos os preparativos para celebrar os cinquenta anos de presença em Malanje. a Outubro de 1963, Padre Telmo chegou a estas terras para receber a antiga fazenda. Começou com uma pequena construção perto do lago. Depois, em 3 de Janeiro, dia do Santíssimo Nome de Jesus, foi colocada a primeira pedra na Cruz, situada no centro da Aldeia. Este aniversário vai ser uma oportunidade para agradecer ao Senhor toda a força e dedicação que o Padre Telmo está dando à Obra. Ao mesmo tempo, um momento para fortalecer os laços familiares entre todos os Gaiatos que cresceram nesta Casa. □

## SINAIS

Padre Telmo

DURANTE o Natal lutamos pela saúde do nosso Manuel. Não resistiu. Faleceu no dia 27. Foi uma nota triste no nosso Natal. O Manuel foi um dos fundadores da nossa Aldeia de Malanje. Trabalhou com a máquina *Caterpillar D6* e os tractores — desbravando e lavrando. Foi um obreiro incansável. Agora, com 65 anos, resolveu vir dar-nos uma ajuda na área agrícola. Foi uma perda para todos nós e para a família que muito o estimava. Nós também o recordamos com muita saudade. Rezemos pela sua alma. Peçamos ao Senhor.

A PESAR da preocupação com o nosso Manuel tivemos um natal em paz e harmonia. Os mais pequenos deliraram com os brinquedos — uma maratona de carrinhos.

Consolou-nos a presença dos nossos mais velhos, alguns que ainda estudam no lar de Luanda e outros já formados. É reconfortante para todos o não esquecerem a sua casa; e nós sentimos o seu carinho.

Depois do natal de novo ao trabalho. Logo de

manhã encontrei o Mito que termina o seu curso este ano no arranjo do jardim. É um guloso de mel. Tive que lhe oferecer um frasco das urzes de Montesinho para levar a Luanda.

O nosso «Sida» ainda não é João. Quando os rapazes se habituam, não há pai. Todo dia espreita um momento oportuno para estar junto do Padre Rafael. É o círculo dourado onde ele se sente alguém, acolhido e amado.

Sabemos que a nossa Casa não é o lugar próprio para o nosso «Sida». Ele precisava um tratamento especializado num centro de recuperação e acolhimento com especialistas preparados para tal. Dificuldades? Menos um arranha-céus em Luanda.

Mas em que o João, «Sida», é um Sinal?

Nós, os humanos, somos capazes de construir *Dubai's*, criar ilhas paradisíacas, construir cidades com lindas avenidas e imponentes estádios — e não somos capazes de arrancar o João da lama... □